

**Universidade Federal de São Carlos - *Campus* Sorocaba**  
**Licenciatura em Ciências Biológicas**

Matheus Henrique da Silva

**Adolescência e ansiedade: interfaces com a Educação**

**Sorocaba, SP**

**2023**

Matheus Henrique da Silva

**Adolescência e ansiedade: interfaces com a Educação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Biologia, pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Izabella Mendes Sant'Ana

**Sorocaba, SP**

**2023**

Silva, Matheus Henrique da

Adolescência e ansiedade: interfaces com a Educação /  
Matheus Henrique da Silva -- 2023.

39f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Izabella Mendes Sant'Ana

Banca Examinadora: Ana Carolina Medeiros Gatto Vieira  
Carvalho, Débora Dainez

Bibliografia

1. Adolescência. 2. Ansiedade. 3. Educação escolar. I.  
Silva, Matheus Henrique da. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8  
6979

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Matheus Henrique da Silva

### **Adolescência e ansiedade: interfaces com a Educação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Biologia, pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba.

Sorocaba, 13 de fevereiro de 2023.

#### BANCA EXAMINADORA



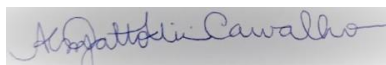
---

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Izabella Mendes Sant'Ana



---

Examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Débora Dainez



---

Examinadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Ana Carolina Medeiros Gatto Vieira Carvalho

## **AGRADECIMENTOS**

Queria agradecer primeiramente a Deus por me ter dado forças para não desistir dos meus sonhos.

A Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, que me ensinou valores da vida acadêmica.

Aos meus pais, Gislaine e Fábio Chiaperini, por me ajudado a sustentar meu sonho.

Aos professores que contribuíram com minha formação

Agradeço a todos que se deram a disposição em ler o meu trabalho, de forma especial a bióloga, e amiga, Gleyzieli Frazão, que foi meu ombro direito em toda a graduação, a Emily Santos, onde me fez ter dias mais felizes dentro do campus e ao meu irmão, Gabriel Chiaperini, que mesmo não fazendo parte da área, me ajudou com sua compreensão de texto, mais uma vez muito obrigado.

A mim mesmo.

## RESUMO

A adolescência é uma fase caracterizada por inúmeras mudanças, abrangendo aspectos corporais, culturais e psicossociais que podem se relacionar com situações de adoecimento mental, em especial, sintomas relacionados à ansiedade. Este trabalho tem como objetivo abordar a relação entre adolescência, ansiedade e Educação, considerando dimensões relativas ao desenvolvimento e à vida escolar de adolescentes (especificamente estudantes do Ensino Médio), tendo em vista focalizar pressupostos teóricos voltados a esses temas e suas possíveis conexões. Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa (ROTHER, 2007). São abordados os seguintes tópicos: conceito e contextualização histórica da adolescência; puberdade e aspectos psicossociais do desenvolvimento do adolescente; ansiedade e adolescência, aspectos históricos sobre a Educação e a escola; e acerca da vida escolar do adolescente. Discute-se a importância da realização de propostas de prevenção e conscientização sobre a ansiedade nas escolas, do acompanhamento e da oferta de suporte especializado necessário ao adolescente que apresenta dificuldades em lidar com as pressões e conflitos que podem surgir nesta fase e durante sua escolarização, buscando criar possibilidades de fortalecimento psicossocial desse sujeito e sua melhor integração na sociedade. Conclui-se que a adolescência é constituída historicamente nas relações sociais e econômicas e não se faz nas mudanças biológicas, sendo a vivência dos adolescentes marcada pelos vieses da sociedade capitalista e de comportamentos do homem na contemporaneidade.

**Palavra-chave:** adolescência; ansiedade; educação escolar.

## ABSTRACT

Adolescence is a phase characterized by numerous changes, covering bodily, cultural and psychosocial aspects that can be related to situations of mental illness, in particular, symptoms related to anxiety. This work aims to address the relationship between adolescence, anxiety and education, considering dimensions related to the development and school life of adolescents (specifically high school students), with a view to focusing on theoretical assumptions related to these themes and their possible connections. For that, a narrative review was carried out (ROTHER, 2007). The following topics are addressed: concept and historical context of adolescence; puberty and psychosocial aspects of adolescent development; anxiety and adolescence, historical aspects of education and school; and about the adolescent's school life. It discusses the importance of carrying out proposals for the prevention and awareness of anxiety in schools, monitoring and offering the necessary specialized support to adolescents who have difficulties in dealing with the pressures and conflicts that may arise at this stage and during their schooling, seeking to create possibilities for the psychosocial strengthening of this subject and his better integration into society. It is concluded that adolescence is historically constituted in social and economic relations and is not made in biological changes, with the experience of adolescents being marked by the biases of capitalist society and man's behavior in contemporary times.

**Keywords:** adolescence; anxiety; school education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CAPES-** Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior.

**EBSERH-** Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares.

**SciELO** - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Eletrônica Científica)



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>Adolescência, ansiedade e Educação</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>A adolescência: uma breve contextualização</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>O Desenvolvimento do adolescente</b>	<b>13</b>
<b>3.1</b>	<b>Fisiologia da adolescência e mudanças corporais</b>	<b>13</b>
<b>3.2</b>	<b>Aspectos psicossociais do desenvolvimento do adolescente</b>	<b>17</b>
<b>3.3</b>	<b>Ansiedade e adolescência</b>	<b>20</b>
<b>3.4</b>	<b>Educação e escola: breve histórico e algumas considerações sobre o contexto brasileiro</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>O adolescente, o contexto educativo e a ansiedade</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>Considerações finais</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O período escolar pode ser muito estressante para vários alunos, principalmente para aqueles em que estão finalizando a Educação Básica, como o Ensino Médio. Nesta etapa há a preocupação com o futuro, como a escolha profissional ou com o ingresso no mercado de trabalho, além da presença de mudanças físicas e sociais na transição para a vida adulta, o que pode acarretar alguns problemas, como por exemplo, sintomas de ansiedade.

Isso posto, o presente trabalho tem como objetivo abordar a relação entre adolescência, ansiedade e Educação, considerando dimensões relativas ao desenvolvimento e à vida escolar de adolescentes (estudantes do Ensino Médio), tendo em vista focalizar aspectos relacionados a esses temas e suas possíveis conexões.

Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa (ROTHER, 2007) sobre a temática com o intuito de conhecer aspectos referentes à realidade de alunos adolescentes que vivenciam esta etapa educacional e sua relação com a ansiedade. Diferentemente de uma revisão bibliográfica ou revisão de literatura, o referido método de escrita inclui uma perspectiva analítica do autor na abordagem do assunto estudado, levando-se em consideração os estudos teóricos e pesquisas da área, bem como os comentários e a visão do autor visando contribuir para a construção de conhecimentos acadêmicos.

Deste modo, foi feita a identificação de estudos na literatura científica em áreas do conhecimento que abordam o tema, especialmente Ciências Humanas e Educação. Neste estudo foram usados artigos científicos como materiais bibliográficos, sendo buscados nas seguintes bases: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Google Scholar e Scientific Electronic Library Online (SciELO). No levantamento foram usadas palavras-chave “adolescência”, “ansiedade” e “escola” (com foco principal para o Ensino Médio), de acordo com os temas definidos na estruturação do texto, mas foram feitos ajustes e inclusões de tópicos de acordo com a leitura realizada dos materiais e com os tópicos específicos definidos. Após a identificação dos conteúdos relevantes e abordagem dos temas propostos, encerrou-se a busca e foi realizada a redação final do trabalho de conclusão.

A justificativa desta pesquisa veio a partir da experiência e da observação, enquanto ex-aluno deste nível de ensino, o que me fez refletir sobre as vivências na adolescência dentro do meio escolar e sua relação com as notícias veiculadas nas mídias sobre a pressão que muitos estudantes passam no final do Ensino Médio quanto às provas, aos estudos intensivos para vários vestibulares, bem como às cobranças pessoais e de professores que podem gerar alterações na saúde mental. Essa situação me motivou a abordar o tema da adolescência e sua relação com a ansiedade e o contexto educacional.

Frente a essas considerações, o trabalho apresenta a seguinte estrutura: contextualização histórica da adolescência, abordando a compreensão do conceito de adolescência e suas características; dimensões físicas (puberdade) e psicossociais do desenvolvimento do adolescente; ansiedade e adolescência; aspectos históricos sobre a Educação e a escola; e dimensões da vida escolar do adolescente.

## **2 Adolescência, ansiedade e Educação**

### **2.1 A adolescência: uma breve contextualização**

Tendo como ponto de partida a palavra “adolescência” nos remetemos à cultura ocidental contemporânea, que atribuiu seu início entre os 12 ou 13 anos, momento no qual o adolescente começa a passar por mudanças físicas e psicossociais, essas últimas balizadas pelos padrões sociais e históricos vigentes em cada sociedade. Porém, é importante mencionar que a adolescência não tem o mesmo significado e sentido para todas as culturas, pois vários povos não apresentam a adolescência como uma fase definida no desenvolvimento humano (SCHOEN-FERREIRA e FARIAS, 2010).

O termo adolescência vem do latim *adolescere* que significa crescer, foi empregado inicialmente na língua inglesa em 1430 se referindo às faixas etária de 14 a 21 anos para os homens e 12 a 21 para as mulheres, porém, o termo se aproxima do significado que foi empregado apenas em 1904, por Stanley Hall (MELVIN e VOLKMAR, 1993).

Historicamente, a compreensão do que se denomina período adolescência passou por mudanças. Na idade média, os romanos no século I D.C. consideravam a adolescência como uma parte da fase infantil e travavam os jovens conforme sua

puberdade surgia. No primeiro instante após o seu nascimento a criança era entregue para uma espécie de babá, uma nutriz, que cuidava, educava de forma rígida e às vezes o amamentava até que o pai decidisse que o rapaz estava pronto para ser um homem, parar de se vestir como criança e começar a usar vestimentas dos adultos, neste caso em torno de 14 anos onde começava o aparecimento de pelos e a primeira barba formada. O corte era uma cerimônia a qual marcava que aquele jovem não era mais uma criança e sim um adulto, portanto não existia a fase mediadora da adolescência entre a criança e o adulto. A partir da instituição da vida adulta, e completasse os 17 anos, o rapaz podia ingressar na carreira pública, neste caso o exército onde era cultivado a agressividade para que fosse formado um bom guerreiro (LEPRE, 2003).

Segundo Stewart (Séc. XX), o filósofo Platão entendia que a ocupação do tempo das crianças é voltada para os esportes e os adolescentes teriam o foco nos estudos. Já Aristóteles retratava um dos aspectos mais importante da adolescência (não entendida ainda como uma categoria definida do desenvolvimento humano), além da capacidade de escolha é a autodeterminação, que na contemporaneidade é interpretada como surgimento da independência, identidade individual e a escolha de carreira profissional influenciada no ensino médio das escolas. Vale ressaltar que Aristóteles também declarava que os adolescentes achavam que sabiam de tudo e sempre estavam certos, ressaltando o aspecto do egocentrismo. Esta situação, segundo Jean-Jacques Rousseau, filósofo francês do século XVIII, era um egoísmo adotado pelos jovens entre 12 a 15 anos que é substituído pelo interesse dos outros durante a faixa dos 15 a 20 anos, até então não tinha explorações científicas, apenas especulações até o século XX (SANTROCK, 2014).

A partir do século XVII, a oferta da Educação nos colégios surgiu a partir da necessidade de tirar os jovens do pecado, segundo os preceitos da religião, e de cuidar da moralidade. A ideia do que se entende como adolescência na atualidade vai se configurando a partir do século XIX com base na redefinição dos papéis sociais de mulheres e crianças, com o avanço do processo de industrialização e com a instituição de sistemas educacionais obrigatórios. No século XX o desenvolvimento da adolescência foi marcado pelos períodos das grandes guerras (SCHOEN-FERREIRA e FARIAS, 2010). Nesse período histórico, houve o aumento do interesse sobre o que o adolescente faz, pensa ou sente, originando-se várias pesquisas sobre a

adolescência, levando-se em consideração que ela está fortemente relacionada aos padrões e às visões que a sociedade lhe atribui (LEPRE, 2003).

Além disso, salienta-se que a partir da década de 50 do século passado foram evidenciados fenômenos e movimentos sociais que influenciaram as experiências dos adolescentes e jovens, tais como: “juventude transviada”, movimento hippie, manifestações estudantis a favor da liberdade e de direitos civis, dentre outros.

No século XXI, a realidade de jovens apresenta-se marcada por um cenário econômico adverso, com dificuldades para a inserção no mercado de trabalho, problemas sociais e mudanças nos valores sociais (Brasil, 1999; Matheus, 2003), bem como pelo avanço do uso das tecnologias de informação e comunicação, em especial, das mídias sociais, que se constitui como aspecto importante nas experiências dos adolescentes na atualidade.

Em termos gerais, ressalta-se que a adolescência é um constructo social que é configurado conforme a época em que é estudada, sendo o meio familiar, a cultura e as condições socioeconômicas, fatores que permeiam a vivência do que é ser adolescente (SCHOEN-FERREIRA *et al.*, 2010; BOCK, 2004). Nesse sentido, se colocarmos como exemplo a vida escolar, pode-se entender que este momento é vivenciado de formas diferentes dentro de um mesmo contexto social pelos adolescentes, de acordo com suas subjetividades e individualidades, embora os adolescentes compartilhem algumas características e estejam submetidos a padrões e influências referentes ao comportamento, consumo, crenças, dentre outros aspectos.

### **3 O Desenvolvimento do adolescente**

#### **3.1 Fisiologia da adolescência e mudanças corporais**

A puberdade tem início a partir das mudanças fisiológicas tanto corporais como também hormonais, já a adolescência se refere justamente às mudanças psicossociais. A etapa da adolescência emerge por alterações orgânicas, psicológicas e sociais e acaba na inserção social da vida adulta (SCHOEN-FERREIRA, 2010; FORMIGLI, COSTA *et al.*, 2000).

Os hormônios são de extrema importância para o desenvolvimento entre o período da fase infantil até a adolescência. No início da adolescência há um crescimento substancial dos níveis hormonais. Em relação aos hormônios femininos, ocorre o aumento do estrogênio que possibilita o ciclo menstrual e, no caso dos hormônios masculinos, acontece a maior produção da testosterona que induz o desenvolvimento do sistema reprodutor e das características secundárias. Essa ativação ocorre em decorrência da ação da glândula pituitária que auxilia também na produção de vários hormônios do crescimento, sendo que esta sinalização está relacionada ao código genético ou às variações ambientais (BEE, 2011; AGUIAR *et al.*, 2011).

O tempo para o início da puberdade pode variar para as meninas e os meninos como também quanto às idades que entram na puberdade. Segundo EBSEH (2021), a puberdade tardia pode acontecer a partir dos 13 anos quando não aparecerem os sinais dos caracteres sexuais secundários, como o início do crescimento mamário (telarca), o crescimento dos pelos pubianos (pubarca) e até os 15 anos a primeira menarca. As mudanças orgânicas da puberdade surgem a partir da ação das glândulas suprarrenais que produzem os andrógenos, dando início ao aparecimento dos caracteres sexuais secundários (adrenarca) e a reativação do HHG (Hipotálamo-hipófise-gônada) com a produção dos esteróides sexuais produzidos pelos testículos e ovários (gonadarca).

A adrenarca influencia a secreção do andrógeno pelo córtex suprarrenal e por meio dela se dá a produção de pelos axilares e pubianos, o surgimento de acne e do odor corporal devido às mudanças estruturais das glândulas pilosebáceas. As suprarrenais têm grande importância para as primeiras liberações químicas no estágio da puberdade, começa a produzir os hormônios em torno dos sete e nove anos e vai aumentando conforme ocorre o desenvolvimento corporal, até chegar a vida adulta, sendo caracterizadas pelo desidroepiandrosterona (DHEA) e sulfato (DHEA-S), nesta fase ainda não é caracterizada o desenvolvimento sexual, já a gonadarca surge bem tardiamente, nela se começa a produção de hormônios esteróides sexuais (AGUIAR *et al.*, 2011).

A puberdade é marcada por transformações consideravelmente rápidas, na qual em 3 a 5 anos o adolescente desenvolve os caracteres sexuais secundários, juntamente com as capacidades reprodutivas, também há o crescimento em torno de

20% da estatura e de 50% do peso. Outras características com a puberdade seriam a mudança na voz, pele oleosa, crescimento testicular, aparecimento de pelos pubianos em meninos e, por volta dos 14 anos, quase ao fim da puberdade masculina, o crescimento dos pés e mãos, braços e pernas, deixando temporariamente desproporcionalmente, e a criação de a massa muscular, diferente da puberdade feminina que adquire um ganho de tecido adiposo (FERRIANI *et al.*, 2001; DÉR *et al.*, 2005).

Anatomicamente existe um crescimento rápido de alguns órgãos, como o exemplo o coração, entre 12 anos aos 16 anos que acaba quase duplicando o volume, aumento dos batimentos cardíacos, chegando aos 75 batimentos por minuto aos meninos e 80 nas meninas, como também a capacidade respiratória entre os jovens de 14 aos 16 anos (DÉR *et al.*, 2005).

Frois *et al.* (2011) abordam que o adolescente passa pelo momento típico do luto do corpo infantil e afirmam que a imagem corporal é criada gradativamente, estando fortemente relacionada às dimensões sociais, psíquicas e biológicas. Essas mudanças podem gerar uma estranheza, ansiedade e até transtornos mentais para os adolescentes, dependendo de sua compreensão e adesão aos padrões de beleza e de comportamento difundidos na sociedade. Nesse momento da construção da imagem corporal na adolescência, as mídias sociais apresentam grande influência no processo de aceitação de características e de ajustamento, possibilitando gerar insatisfação com o corpo.

Quanto às transformações psíquicas, Lacan, psicanalista francês (1901-1981), defendia que a puberdade leva a percepção da falta de algo, a perda é assimilada como um pedaço do corpo e suas implicações na constituição do sujeito e na interiorização dos pensamentos, ou seja, por meio da puberdade é possível ter acesso aos conceitos e as práticas do adolescente por ser uma etapa mais sensível ao momento, trazendo consigo a maturação do indivíduo (VIOLA, 2017).

Para Viola (2017), a maturação durante a puberdade, segundo Lacan, leva a angústia de castração ou a desestabilização. Nesta fase, o adolescente tem a possibilidade de estabelecer relações, como o encontro sexual, incluindo as experiências dos orgasmos, e isso traz consigo a consumação genital, a satisfação, mas o drama devido a não realização de seus desejos, levando-o novamente à

angústia, bem como o desenvolvimento do pensamento conceitual causado pelo grande salto lógico na adolescência.

Em relação ao desenvolvimento humano, Vygotsky apontava que a criança desde o nascimento é inserida na cultura, se apropriando de aspectos simbólicos e histórico-sociais que influenciam o seu desenvolvimento, passando por vias genéticas, a saber: a ontogênese que diferencia as alterações do indivíduo desde sua origem, a filogênese que nos diferencia o indivíduo dos outros animais, assim como a sociogênese que é configurada pelas questões culturais e sociais e, por último, a microgênese onde cada indivíduo passa por alterações em suas vivências que possibilitam o desenvolvimento individual. O aprendizado se dá devido ao ensino sistematizado e à educação do conhecimento produzido historicamente pelos homens e isso acontece em todas as fases da vida. Nesse sentido, entende-se que o adolescente é um ser histórico e social e, segundo Vygotsky, este processo é realizado a partir da criação de interesses, na formulação de conceitos e pensamentos, na imaginação e criatividade e nas funções psicológicas superiores. Quanto mais este adolescente se introduz no meio cultural e nos processos de aprendizagem, produzindo questionamentos e problematizações, mais ele se desenvolve (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Henri Wallon (1879-1962) afirma que o desenvolvimento não ocorre de forma linear, mas sim a partir da interação das experiências vividas anteriormente junto com as novas, este processo ocorre desde a infância até passando pela adolescência. Na puberdade emerge a necessidade de construção da personalidade, trazendo as questões existenciais, assim como morais, pessoais e afetivas. As dimensões psicológicas e cognitivas são constituídas por aspectos físicos e sociais, ou seja, na relação do indivíduo consigo e com o grupo social e ambiente onde está inserido (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Na adolescência há a presença de interpretações que interagem na sua existência, sendo baseadas nas relações internas e nas situações externas, ocorrendo uma crise de personalidade e de oposições, nas quais surgem construções de argumentos para questionamentos e posicionamentos, incorporando aos novos processos cognitivos, que configuram a individualidade. Boa parte da concepção da individualidade se dá durante a adolescência e na fase adulta, onde há a intensificação das relações amorosas e de enamoramento, ocorrendo uma diversidade de interesses



e desejos entre os indivíduos. Para as interpretações do mundo físico é necessário um gasto de energia pelos processos cognitivos, o que Wallon chama de predominância funcional, que se dá a partir das relações sociais e da afetividade que interferem na construção do próprio eu. Para o autor, as emoções são reações fisiológicas do organismo diante do meio social, elas são baseadas de uma lógica mecanicista exercida pelo sistema nervoso central, pois, diferentemente da afetividade, as emoções são, assim como os desejos e sentimentos, uma manifestação por meio externo, são acompanhadas pelo aumento dos batimentos cardíacos, dificuldade de digestão, mudanças no ritmo da respiração, trazendo consigo mudanças de expressões faciais (GALVÃO, 1995).

### **3.2 Aspectos psicossociais do desenvolvimento do adolescente**

Becker (1985) caracteriza a fase da adolescência como a metamorfose de uma borboleta, considerando principalmente as questões da puberdade como a transformação do adolescente na direção de para um corpo adulto, mas também as mudanças psicológicas e subjetivas vinculadas à modificação corporal.

Salles (2005) explicita a relação entre o adolescente e a sociedade, abordando as influências do meio social, entendendo que a forma pela qual a sociedade se organiza culturalmente e socialmente gera efeitos na construção da subjetividade do adolescente.

A subjetividade do indivíduo traz consigo a sua singularidade, construída com base na socialização, isto é, na interação entre uma personalidade de um indivíduo com as das outras pessoas. A socialização é um processo de interações em um grupo que estimula os processos cognitivos e sociais, aprende-se também durante a socialização a se relacionar com uma ordem social presente na sociedade e seu tipo de estrutura cultural (PERIS, 1984).

A socialização está também fortemente relacionada às questões de gênero, nas quais a família tem a influência sobre o indivíduo por meio da construção do papel social, incluindo também diferentes tipos de brincadeiras, carreira profissional, rotinas domésticas a partir dos papéis de gênero que o pertence dentro daquele grupo social (TRAVERSO-YÉPEZ, 2005). Nota-se que existe a desconstrução da hierarquização

entre os papéis de gênero dentro da sociedade. Com o passar dos anos ocorreram mudanças nas carreiras profissionais e no mercado de trabalho possibilitando uma ruptura nos estereótipos em que o homem tem a função de ser dominante e privilegiado em vários aspectos sociais diante do papel da mulher, isso fez com que a criança e ao adolescente tivessem diferentes socializações e exemplos (PEREIRA, 1985).

Para Aberastury (1981), a adolescência, nos aspectos evolutivos, se baseia nas relações interpessoais da infância e a necessidade de abandoná-la e isso a leva a instabilidade. Este abandono faz parte dos três principais lutos fundamentais nessa transição: a) a sensação da mudança corporal e a perda do corpo infantil em que ele se põe como observador das ocorrências de seu organismo, b) a renúncia do papel infantil junto com suas dependências e a necessidade de ter que assumir responsabilidades mais sérias e c) o luto dos pais pelo qual pode ocorrer a preocupação em conservar a personalidade infantil do filho, tendo dificuldades em aceitar o crescimento e a mudança de personalidade. Assim, o adolescente não é mais uma criança, mas sim um adulto em formação.

No século XX, onde é ressaltada a importância dos estudos sobre o adolescente, Stanley Hall, considerado o pioneiro sobre o conceito, adotou a primeira teoria sobre o período da adolescência chamada modelo de turbulência e estresse, apontando que o adolescente passa por um momento de conflitos internos levando a variada mudança de humor relacionada a fatores biológicos (SANTROCK, 2014). Todavia, para a antropóloga Margaret Mead, a ideia da variação de humor não se deve a fatores biológicos e internos, mas sim devido a padrões impostos pela sociedade para aquele indivíduo (SANTROCK, 2014).

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo, segundo Jean Piaget (1969-1980), a inteligência é um processo contínuo e que vai se modificando com o tempo. Na puberdade emerge o desenvolvimento do pensamento lógico formal, levando a criação de hipóteses e com o passar dos anos este adolescente vai aplicando cada vez mais as idealizações do mundo real assim como suas teorias e práticas. (SILVA *et al.*, 2013).

Um dos aspectos importantes da adolescência é a configuração da própria identidade, ou seja, a construção de suas próprias características. Essa transformação tem grande importância no amadurecimento do adolescente em

direção à vida adulta, e isso ocorre por meio da influência de diversos fatores: da personalidade, dimensões intrapessoais, identificação com outras pessoas e grupos sociais, e também as questões culturais e valores, tanto familiares, comunitários ou globais. A consolidação da identidade pessoal se dá quando o indivíduo percebe que depois de suas mudanças comportamentais se tornaram contínuas ao longo do tempo nos ambientes frequentados, outro ponto seria a identificação e o reconhecimento de outros com os mesmos ideais (SCHOEN-FERREIRA, 2003).

Erikson (1959) classifica esta situação da adolescência como uma identidade confusa, para ele está confusão se dá devido às inseguranças e as possibilidades de vida para o adolescente. Cria-se, então, um modelo com várias etapas que permeiam a construção desta identidade do adolescente: a capacidade deste jovem em assumir responsabilidades de forma estável, de ter a autonomia nas escolhas e se identificar com outros indivíduos, de ter experiências e criar percepções sobre limitações, de reduzir padrões de comportamento individualista e de começar a se sentir bem consigo mesmo e estar relativamente livre de conflitos que podem causar ansiedade. De forma geral, a identidade é formada por construções ao longo da vida e o que se espera no final da adolescência é uma obtenção consolidada de fatores interpessoais, ideológicos e ocupacionais (KIMMEL *et al.*, 1998).

Neste período o adolescente pode ter a vontade de ser independente e de se desprender dos laços com os pais, porém ao mesmo tempo que apresenta a dependência, principalmente financeira, também demanda aceitação social, pois quer ser aceito pelos amigos e pela família e ser reconhecido como semelhante junto aos adultos. Além disso, são criados valores morais e processos de identificação no convívio com grupos de amigos, como por exemplo, o tipo de linguajar utilizado, o uso de vestimentas e as formas de se expressar e de se comportar. O adolescente pode ter interesses variados podendo modificar com o passar do tempo, e geralmente a estabilidade é criada quando está próximo da chegada da vida adulta. Comparando com a fase da infância ou adulta, a adolescência é a que mais sofre mudanças, o que pode gerar conflitos internos, além de incertezas e dúvidas, influenciados atualmente pela ampliação de informações e comunicações por meio do uso da tecnologia e dos avanços científicos, somadas às mudanças sociais e corpóreas que podem gerar um momento de vulnerabilidade (SILVA *et al.* 2013).

O surgimento da internet mudou as formas de comunicação e a busca de informação, alterando as noções de espaço e tempo. Com a intensificação dos recursos, há inúmeras possibilidades de conexões e diversificação de trajetórias, o que modificou a noção de temporalidade rígida. Cria-se uma diferença entre o uso do tempo utilizado diante da TV e na forma de ação na conexão por meio da internet, já que o adolescente deixa de ser apenas um espectador consumindo informações para ser também um participante da criação de conteúdos, isso devido às novas possibilidades tecnológicas e às mídias sociais (RIBEIRO *et al.*, 2016).

Outro aspecto importante referente à adolescência na atualidade envolve a inserção no mundo adulto, especialmente quanto à formação e à entrada no mercado de trabalho. A instabilidade econômica e os problemas sociais podem causar dificuldades na escolha profissional e no ingresso no mercado de trabalho, trazendo dificuldades para projetar o futuro na vida adulta (RIBEIRO *et al.*, 2016).

Os interesses e marcas da adolescência variam de acordo com a história e com a realidade social. Deste modo, é necessário ter cuidado em analisar as características ou modelos da juventude, considerando como os adolescentes, principalmente de classes populares, constroem suas experiências (DAYRELL, 2003).

### **3.3 Ansiedade e adolescência**

A ansiedade é uma reação natural do organismo diante a uma situação de alerta, perigo e estresse, porém, quando há um equilíbrio em sua manifestação na vida das pessoas, há a necessidade de ações para prevenção e intervenção a fim de promover o bem-estar dos sujeitos (BRITO, 2011).

Os transtornos de ansiedade estão entre as doenças psiquiátricas mais comuns na adolescência e normalmente estão mais presentes entre as meninas. A ansiedade pode se manifestar na adolescência por diversos fatores, considerando o momento de vida e as experiências dos indivíduos, estando relacionados à afetividade, às mudanças corporais e psicológicas, além de aspectos sociais e econômicos. Esses fatores estão presentes na vida dos adolescentes, podendo influenciar diretamente na vida e no desenvolvimento humano (SILVA, 2016; POLANCZYK e LAMBERTE, 2012).

A ansiedade abrange diversas manifestações de natureza fisiológica abrangendo agitação, hiperatividade e movimentos precipitados; e de natureza cognitiva, tais como atenção e vigilância redobrada, pensamentos e preocupações com possíveis desgraças. Essas manifestações podem acontecer de forma passageira ou podem permanecer, de uma maneira estável e contínua, na vida das pessoas e sua intensidade pode variar de níveis mais fracos a elevados (BATISTA e OLIVEIRA, 2005).

Além disso, a ansiedade na adolescência pode estar relacionada a competências, situações sociais e ameaças abstratas, provocando desequilíbrio emocional e angústia (MIGUEL; GENTIL; GATTAZ, 2011).

Estudos mostram que a escolha profissional e a busca pela inserção no mercado de trabalho podem causar ansiedade para os adolescentes, em decorrência do medo de não conseguirem aprovação, seja em vaga de faculdade ou emprego. Esse problema, quando não cuidado, pode evoluir e, em alguns casos, se tornar uma fobia social bastante presente na vida de adolescentes que apresentam medo contínuo em situações de insegurança (ASBAHR, 2004).

Essas condições são avaliadas por profissionais especializados em situações clínicas. A partir da classificação nosológica sobre a ansiedade, o médico pode realizar diagnósticos, prescrever medicações e encaminhar o paciente para receber acompanhamento psicológico a fim de favorecer o seu bem-estar e sua saúde mental. Cabe ressaltar que a ansiedade pode prejudicar a qualidade de vida independente da faixa etária, limitando assim sua vivência e execução de situações futuras (LEAHY, 2012).

### **3.4 Educação e escola: breve histórico e algumas considerações sobre o contexto brasileiro**

O homem vive em sociedade e se desenvolve a partir de múltiplos fatores e influências, dentre as quais as produzidas pela Educação. Nos primórdios, esta espécie em vez de somente sobreviver se adaptando à realidade, começou a transformar a natureza conforme a sua necessidade, logo, produziu meios para a sua

própria existência e para o seu desenvolvimento, por meio dos processos de aprendizagem e das experiências de vida (SAVIANI, 2016).

A palavra escola vem do grego “scholé”, que significa “ócio”, ou um lugar de passar o tempo livre, era utilizado na Grécia Antiga por pessoas com maiores condições socioeconômicas para fazer reuniões e discutir sobre a filosofia (REVISTA MAIS EDUCAÇÃO, 2020).

Segundo Gadotti (2006), a Grécia serviu de berço à educação ocidental. Devido a visão dos gregos sobre o mundo e sobre a existência humana surgiram pensamentos acerca da educação, baseados nos princípios de formação integral humanística e na aproximação da cultura e sociedade.

Os gregos deram valor à arte, à literatura, às ciências e à filosofia, onde o homem teria que saber sobre o corpo pelos exercícios físicos, sobre a mente pela filosofia e ciências e acerca dos sentimentos e morais pela arte. Mas mesmo com essa ideia inicial eles deveriam ser expostos a uma programação sobre os aspectos da vida humana incluindo conhecimentos voltados à literatura, história, geografia, gramática, dentre outros. Alguns desses conhecimentos, como a escrita, eram ensinados pela própria família conforme sua cultura e religiões. Porém, em escolas, onde a formação principal era a formação física, o ensino de letras e cálculos foi realidade somente por volta do século VI a.C. (FILHO, 2022).

No período medieval, a educação era destinada para grupos dominantes, por meio das instituições privadas. A escola era classificada como algo secundário já que não beneficiava a população de modo geral, pois para a grande maioria a sobrevivência se dava pelo trabalho braçal e o aprendizado ocorria de forma assistemática por meio da experiência de vida e da aprendizagem de ofícios (SAVIANI, 2016).

A escola pública surgiu no final do século XVIII, durante a revolução francesa (1789-1799), que adotava alguns debates e planejamentos pedagógicos pautados em ideais liberais da burguesia como o laicismo<sup>1</sup> e a gratuidade, tendo como função a construção do cidadão e adotando uma educação civil e patriótica. Neste período os

---

<sup>1</sup> Estado ou caráter do que é laico; aquele que não pertence ao clero nem a uma ordem religiosa (Buisson, 1911).

debates questionavam a atuação do estado em relação à gratuidade e à obrigatoriedade da educação, sendo um direito do homem e um dever do estado (RODRÍGUEZ, 2010).

Com o passar do tempo foram sendo configurados os princípios de uma educação pública democrática, que tinha a finalidade trazer para o homem uma ampliação de possibilidades, independentemente de sua posição na sociedade. Vale ressaltar que a construção da educação pública dependeu de algumas influências externas como também o entendimento sobre a realidade social de cada país, e isso está fortemente relacionado com o momento histórico (LUZURIAGA, 1964).

A educação é um processo amplo que envolve a aprendizagem de conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo da história, sendo resultado do trabalho educativo produzido nas escolas. A escola passou por vários processos em sua formação, inicia-se da necessidade de sobreviver do próprio homem gerado pelas relações sociais e de construir a cultura, e nela, com o passar dos tempos, o saber espontâneo foi substituído pelo saber científico, abrangendo a sistematização e metodologias em desenvolvimento, sendo que nos dias atuais encontra-se inserida no sistema capitalista, trazendo consigo várias contradições (SAVIANI, 2016).

Segundo Aranha (2006), o surgimento dos colégios no século XVI a XVIII acompanhou a nova imagem da infância, sendo que na Idade Média era misturados adultos e crianças. Somente a partir do período do Renascimento houve a separação dos indivíduos por idade e níveis de aprendizagem diferentes.

A igreja foi responsável pela implantação de uma parcela significativa dos colégios a partir do ideal de secularização defendida pelo humanismo renascentista. (FILHO, 2022).

No século XX, em 1948, foi publicada a Declaração Universal dos direitos humanos, na qual as nações unidas ressaltaram o direito a todos os seres humanos ao ensino escolar público. O artigo 26 estabelece que:

Todos os seres humanos têm direito à educação. A educação será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A educação elementar será obrigatória. A educação técnico-profissional será acessível a todos, bem

como a educação superior, está baseada no mérito. (Declaração Universal dos direitos humanos, 1948)

A partir dessa Declaração e das políticas vigentes em cada país, cada Estado adotou, gradativamente e de formas distintas, mecanismos para disponibilizar o ensino básico escolar para todas as crianças e jovens (DIAS, 2007).

No Brasil, historicamente, existiram algumas mudanças no que se refere ao processo educacional. No período colonial, por ser uma sociedade de sistema aristocrata, latifundiário e escravocrata, não era necessário que a mão de obra soubesse ler e escrever para trabalhar nas áreas agrícolas, assim a única educação que era oferecida no âmbito religioso, por meio da catequese, na qual a igreja católica tinha o intuito de recrutar fiéis e também servidores, convertendo a população indígena aos interesses do homem branco. Foram criados centros de catequese pelos missionários dentro das populações indígenas que passavam ensinamentos básicos. Uma educação um pouco mais avançada era voltada para as classes dominantes. Por interesses econômicos, a igreja começou a se afastar da educação dos povos indígenas e começou a focar na formação da elite, já que poderiam ter mais lucro para formação de sacerdotes. Assim, a religião se manteve por muitos anos excluindo a educação para a grande maioria da população e atribuindo o letramento para a elite que conduzia a economia na época. Os jesuítas eram influentes devido ao seu papel no sistema socioeconômico que durou todo o período colonial, período imperial e parte do republicano (RIBEIRO, 1993).

O poder da igreja foi reduzido a partir da metade do século XVIII devido a uma ação do Marquês de Pombal, que fez várias reformas educacionais em Portugal, tirando a Educação do âmbito da Igreja e trazendo-a para a responsabilidade do estado. No Brasil, isso não produziu muitas modificações, visto que as aulas continuaram a ser oferecidas pelos jesuítas nos colégios religiosos, com base em uma metodologia pedagógica autoritária (RIBEIRO, 1993).

Grandes modificações na Educação foram evidenciadas a partir da chegada de D. João VI ao país, que focou principalmente na educação superior (sem a influência da igreja), ao criar centros acadêmicos, bibliotecas, museus e centros de educação e cultura. A ênfase foi dada ao ensino superior por motivos políticos, mas grande parte da população permanecia fora das escolas. Com as medidas do Ato Institucional, em 1834, cada província ficaria responsável pelo controle do ensino primário e médio e o



poder central era responsável pelo ensino superior (MEIRELLES, 2017; PEREIRA, 2011; RIBEIRO, 1993).

A educação escolar foi se modificando durante a história, as alterações ocorreram devido aos pensamentos filosóficos que geraram as reformas educacionais, como por exemplo as indicadas por Benjamin Constant e Rivadávia Correa, que incluíram princípios pragmáticos e científicos do Positivismo. Porém, essas mudanças pedagógicas não foram suficientes para resolver os problemas educacionais no cenário brasileiro. (FRAUCHES, 2004; RIBEIRO, 1993).

A partir dos anos de 1920 ocorreu uma crise no modelo do sistema econômico e foi criado o projeto nacional desenvolvimentista, que alavancou a industrialização no país. Neste período foram evidenciados alguns eventos marcantes como o tenentismo, a semana da arte moderna e o surgimento do movimento pedagógico chamado de a Escola Nova, que defendia o ensino obrigatório, gratuito e universal (CANO, 2021; RIBEIRO, 1993).

Em 1930, em meio a conflitos políticos no governo de Getúlio Vargas, foi criado o ministério da Educação que propôs reformas no sistema escolar, havendo a reorganização dos ciclos de ensino e do currículo (BRITO, 2006; MORAES, 1992; RIBEIRO, 1993).

Por meio da constituição de 1934 se fundamenta algumas mudanças na organização educacional e cria-se o Conselho Nacional e Estaduais de Educação (CNE). Como funções do CNE a carta magna estabelece que:

Compete precipuamente ao Conselho Nacional de Educação, organizado na forma da lei, elaborar o plano nacional de educação para ser aprovado pelo Poder Legislativo e sugerir ao Governo as medidas que julgar necessárias para a melhor solução dos problemas educativos bem como a distribuição adequada dos fundos especiais. (Constituição de 1934, art. 152).

Com a formação do Conselho Nacional de Educação foi possível determinar o mínimo de verbas direcionado para a educação, fundamentar a obrigatoriedade do ensino primário, atribuir bolsas de estudos e criar o departamento de assistência social (RIBEIRO, 1993).

Com o golpe de Getúlio Vargas, em 1937, houve uma maior industrialização e o incremento do modelo desenvolvimentista (JESUS, et. al. 2017). A escola passou a

ser vista como essencial para a formação de mão de obra para o trabalho industrial, sendo necessária uma formação e uma preparação específica de operários para o trabalho. Para isso, foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em 1942, que recebeu investimentos de várias empresas associadas e foi coordenado pela Confederação Nacional das Indústrias. (CARVALHO, 2011).

Posteriormente, em 1961, foi implementada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que durou apenas 10 anos, que adotou os ideais liberais na Educação. Com o golpe de 1964, sob a influência de modelos americanos, foram usados métodos pedagógicos educacionais nas escolas brasileiras que se mostraram incompatíveis com as necessidades da sociedade. (RAMOS,2016; RIBEIRO, 1993).

Atualmente, segundo estabelece a Constituição de 1988, a educação brasileira é compreendida como dever do Estado, é vista como direito de todos os brasileiros. A presença do aluno na escola é obrigatória e a educação tem como uma das finalidades eliminar o analfabetismo. A carta magna e as demais políticas educacionais brasileiras delimitam as estruturas organizacionais, o financiamento e as especificidades que caracterizam os diversos níveis de ensino.

Apesar da obrigatoriedade da matrícula dos alunos nas escolas, o Brasil tem enfrentado diversos problemas educacionais e sociais que acabam afetando a vida escolar dos adolescentes, especialmente os pertencentes às camadas populares, como a infraestrutura precária, diferentes tipos de violência, evasão e reprovação, dentre outras situações.

Além disso, o mundo vem passando por diversas crises, como por exemplo a pandemia de COVID-19, iniciada em 2020 e causada pelo Corona vírus (Sars-Cov-2), que gerou a perda de milhões de vidas humanas e provocou graves prejuízos sociais, econômicos e educacionais para as populações de todos os continentes. A pandemia produziu situações como o isolamento e o afastamento social, a suspensão das aulas presenciais, as medidas de caráter emergencial no ensino, prejuízos pedagógicos e, principalmente, situações de adoecimento mental em uma grande parte da população (SENHORAS, 2020).

Isso posto, cabe agora sinalizar algumas dimensões do cotidiano escolar, como a avaliação e as relações interpessoais, que podem afetar a vida do adolescente.

#### **4. O adolescente, o contexto educativo e a ansiedade**

Considerando o foco deste estudo, destaca-se que a escola é um lugar de socialização do adolescente e onde ele vai aprender os conhecimentos construídos na cultura e na história humana (BARONE, 2019).

A aprendizagem está relacionada a processos de ensino e de avaliação. O papel das avaliações escolares em forma de prova possui duas principais funções: a) avaliar se o aluno realmente está aprendendo o que foi passado e saber se aquela didática está funcionando e b) incentivar a motivação para que aquele jovem saiba responder questionamentos no futuro, o que implica “uma obrigação de estudar” (BARONE, 2019).

Os exames escolares podem gerar ansiedade aos alunos, especialmente perante as avaliações que resultam um baixo rendimento educacional. O estudo de Gonzaga (2016), feito com 411 alunos do ensino médio, mostra que a maioria dos adolescentes apresenta sinais de ansiedade na realização de avaliações, principalmente no grupo de meninas. O autor aponta diferenças entre as séries escolares considerando o número de aspectos estressores, a idade e a média geral. É discutido que os alunos que apresentaram maiores dificuldades ou sintomas de ansiedade em relação às provas são aqueles que possuem problemas subjetivos ou psicológicos (GONZAGA,2016).

Outro ponto relevante a ser discutido é a introdução do uso das tecnologias de informação e de comunicação (TICs) na área educacional, seja por meio da TV, internet e mídias sociais. O desenvolvimento das novas tecnologias produziu uma série de possibilidades, trazendo inúmeras vantagens e benefícios como em seu uso em diversas atividades e estratégias pedagógicas, porém, apesar dos aspectos inovadores, as tecnologias não podem ser consideradas por si só como responsáveis por profundas mudanças nas avaliações e nos sistemas educacionais (CRUZ JUNIOR, 2020).

Destaca-se ainda a presença de riscos que o uso não consciente das TICs no contexto das relações interpessoais existentes no meio escolar. É sabido que atualmente os jovens possuem uma grande facilidade no uso das mídias sociais,

principalmente por meio de aparelhos celulares, que podem ter um papel colaborativo para o ensino, mas também sabemos que na escola existem manifestações de violência, como o *bullying* e o *cyberbullying*, que tem efeitos negativos no bem-estar e na socialização de adolescentes. O *cyberbullying* é um fenômeno mais recente e tem causado muita preocupação para pais e profissionais da educação, já que ele tem sido evidenciado cada vez mais nos espaços educativos em diferentes países ao redor do mundo (TOGNETTA, 2010).

O Cyberbullying é um conceito utilizado pela primeira vez por Bill Belsey (2005), professor em Cochrane, conhecido por ser uma variante do bullying. O bullying é um tipo de violência intencional, apresentando continuidade e de caráter verbal, físico e psicológico. Logo, o cyberbullying é definido pelo recurso às tecnologias da comunicação e informação para causar assédio de diversas formas entre iguais através do celular e da internet (PINHEIRO, 2009, p. 29)

O *cyberbullying* abrange agressões, insultos, humilhações e perseguições no ambiente virtual, podendo ser ainda mais cruel e difícil de lidar, já que essas agressões podem ou não se repetir e se difundem de forma mais ampla, chegando a um grande número de pessoas rapidamente, invadindo até a privacidade e segurança do usuário, já que de certa forma a internet desperta o sentimento de que não há normas, regras, podendo ser usada para o bem e mal (TOGNETTA, L.R.; BOZZA, T. L., 2010).

Nesse contexto, as agressões hoje em dia não ocorrem em um lugar ou momento específico, podendo ocorrer fora ou nas proximidades das escolas, ou mesmo nas redes sociais. A existência do *cyberbullying* favorece um espaço amplo para realizar ações de violência psicológica sistemática, tornando também que seja um local de vingança para quem sofre, causando mais problemas para vida pessoal e interpessoal (MASON, 2008).

Apesar do *bullying* e *cyberbullying* apresentarem certas similaridades, a divulgação dos comentários, injúrias ou vídeos de caráter humilhante por meio do *cyberbullying* é mais abrangente, pois pode chegar a contextos mais diversificados, como outras regiões do país e também podem favorecer o anonimato do agressor, dificultando a proteção da vítima e a punição do responsável. As consequências das humilhações podem causar diversos prejuízos na vida dos adolescentes, como

problemas psicológicos, isolamento social, até casos de suicídio. Também podem trazer dificuldades para o aprendizado, além de problemas de autoestima e ansiedade diante do receio da repetição dessas situações agressivas. (FEREIRA; DELANDES, 2018).

No âmbito jurídico, o combate contra o cyberbullying que resulta em constrangimentos sociais e psicológicos, é enquadrado em crimes contra a honra, levando a multa ou prisão de um mês a dois anos dependendo do crime e gravidade. Caso o agressor seja menor de 18 anos, os responsáveis têm que arcar com a decisão do tribunal e podem ter que pagar uma indenização à vítima (SALES, 2022).

Nesse sentido, no código penal foi acrescentado à lei nº 13.185/15, conhecida como lei anti-bullying:

Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Essa violência em meio educacional expõe conflitos plurais e precisam de uma intervenção diferenciada. A mediação escolar e as práticas restaurativas visam o diálogo entre partes, a escuta dos envolvidos em um ambiente acolhedor e respeitoso, gerando responsabilidade e compromisso das partes, incluindo o tratamento e a resolução de conflitos. Assim, é necessário que a família e a escola consigam monitorar e conscientizar os adolescentes sobre as consequências do *bullying* e *cyberbullying*, adotando ações de prevenção a fim de promover um ambiente favorável ao desenvolvimento e à aprendizagem desses sujeitos (WARAT, 2001).

Ressalta-se que uma parte dos casos de cyberbullying o dano causado à vítima é irreparável ou difícil de ser reparado, pois são agressões à honra e à dignidade da pessoa, o que pode gerar sérios problemas psicológicos e comportamentais. Assim, há a necessidade da oferta de atendimento especializado e do suporte necessário a fim de ajudar as vítimas dessas práticas violentas. Ademais, no contexto educativo, há necessidade que o conflito, sendo ele escolar ou não, seja compreendido e

discutido coletivamente na tentativa de propiciar a construção de mecanismos de prevenção e de mediação diante da possibilidade da ocorrência de futuras agressões. Nesse sentido, não se deve focar na eliminação das divergências e sim garantir formas de dialogar sobre os conflitos (NEVES, 2002).

Cabe destacar ainda outras situações relacionadas aos adolescentes, em especial, aqueles que estão no ensino médio, que podem causar sintomas de ansiedade e outros problemas, como por exemplo, a escolha profissional e o processo de avaliação para o ingresso no ensino superior.

Na adolescência, como já citado, ocorrem várias mudanças tanto corporais como psicossociais, além de os adolescentes enfrentarem as cobranças para que escolham sua profissão e tenham que lidar com questões sociais e de comunicação. A pressão para essas escolhas pode ser condicionada pela família, amigos ou sociedade, mesmo que este jovem não se sinta preparado (LAMONICA, 2019)

Para o adolescente, o último ano do ensino médio representa a conclusão e o encerramento de um ciclo de escolarização, a busca de uma nova oportunidade: a sua inserção em instituições de nível superior por meio do vestibular. No Brasil, os processos de avaliação do ENEM e dos vestibulares específicos são formas tradicionais de ingresso dos estudantes no ensino superior. Universidades privadas e públicas brasileiras avaliam geralmente os conhecimentos que foram aprendidos no ensino médio (LAMONICA, 2019; GUIA DA CARREIRA, 2022).

Em geral, o adolescente atribui uma grande importância aos vestibulares devido ao desejo de ascensão social por meio da profissionalização. Entretanto, esses processos seletivos se caracterizam pela classificação e exclusão de jovens, a partir de critérios e de pontuações estabelecidas. O processo da escolha profissional na adolescência e a necessidade da realização da prova a fim de se inserir no ensino superior, pode provocar sintomas ou desencadear problemas de saúde mental como a ansiedade, fobias, depressão, estresse, entre outros (LAMONICA, 2019)

Vale ressaltar as reformas no ensino médio, expressa na lei 13.415 de 2017, modificaram a proposta contida na lei de Diretrizes e Bases (LDB), resultando uma flexibilidade no currículo neste nível de ensino, tornando-o um currículo reducionista e estruturado a partir das culturas e expectativas dos jovens. Atualmente, ainda gera

repercussões entre educadores e pesquisadores sobre a qualidade de ensino e a prática educativa, considerando os problemas relativos à infraestrutura das escolas, as condições de trabalho e de carreira dos educadores, o que indica que as metas indicadas são de difícil execução. (FERRETTI, 2018).

Assim como os professores, os adolescentes do ensino médio ficam receosos acerca das modificações e sobre as influências das mudanças para o seu aprendizado e futuro.

Nesse sentido, ressalta-se a complexidade das dimensões que envolvem a vivência da adolescência, aqui em específico, as relativas ao meio educacional. Entende-se que os desafios dessa fase do desenvolvimento são variados e são influenciados por processos educacionais, culturais, subjetivos, sociais e econômicos que influenciam as formas de viver e de lidar com a realidade em que o adolescente está inserido.

## **5 Considerações finais**

Este trabalho procurou abordar a relação entre a adolescência e ansiedade e sua relação com a Educação, buscando compreender aspectos atuais na vida do adolescente.

Na adolescência é comum acontecer uma maior vulnerabilidade psicossocial devido às diversas mudanças ocorridas na vida deste ser em desenvolvimento. No ambiente escolar podem ser evidenciados muitos desafios em diferentes aspectos e com base nas experiências e formas que o adolescente lida com as pressões, situações e demandas que a vida social lhe impõe.

Os transtornos e os sintomas de ansiedade podem surgir na adolescência e podem afetar de forma diversa os vários âmbitos da vida do adolescente. Se não forem observados e acompanhados podem interferir na subjetividade, nos relacionamentos e na socialização, causando prejuízos ao seu bem-estar e a sua qualidade de vida. Ressalta-se a importância do acompanhamento e do suporte especializado necessário a esse adolescente que apresenta dificuldades em lidar com as pressões e conflitos que podem surgir nesta fase e durante sua escolarização,

especialmente durante o ensino médio, buscando criar possibilidades de fortalecimento psicossocial desse sujeito e sua melhor integração na sociedade.

É importante destacar que a adolescência, sob a ótica da teoria histórico-cultural, enquanto conceito e fase do desenvolvimento humano, é constituída historicamente nas relações sociais e econômicas e não se faz nas mudanças biológicas e maturacionais. Assim, a adolescência se configura a partir da realidade concreta e material, assumindo os vieses da sociedade capitalista e de comportamentos do homem na contemporaneidade (BOCK, 2004).

Deste modo, entende-se que as avaliações escolares, as preocupações sobre a escolha profissional e a inserção no mercado de trabalho são situações da vida humana que tem estreita ligação com as produções culturais de determinado período histórico e social. Se configuram como demandas construídas socialmente e dentro de uma determinada ideologia (no caso a capitalista), balizadas em princípios como individualismo, meritocracia e competitividade, que cada vez mais tem como efeitos colaterais processos de adoecimento físico e mental dos indivíduos.

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir com a produção de conhecimentos sobre a temática e que também possa favorecer o desenvolvimento de projetos de conscientização e/ou prevenção ao adoecimento mental nas escolas, a fim de que ajude no entendimento dos estudantes sobre os transtornos psicológicos e sintomas de ansiedade, buscando problematizar os conflitos e as situações desencadeadoras dos problemas e suas possíveis formas de enfrentamento.

Cabe mencionar que este estudo inicial não teve a pretensão de esgotar a abordagem do tema. Ressalta-se que há na literatura científica uma vasta produção sobre a adolescência, apresentando diferentes perspectivas teóricas que visam compreender essa fase de desenvolvimento em suas múltiplas dimensões e a partir de diferentes contextos e áreas de conhecimento.

Por fim, ressalto que a temática estudada é de suma importância para a minha formação docente, pois me possibilitou obter mais conhecimentos sobre as várias possibilidades de entender a adolescência, a ansiedade e suas conexões com o meio educacional. Além disso, a escrita desse trabalho de conclusão de curso possibilitou o aprimoramento da minha formação sobre a pesquisa acadêmica e a reflexão sobre possíveis práticas ou ações que podem ser realizadas em minha atuação profissional.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A.; JORGE, C. C. Puberdade e seus distúrbios. **Manual de ginecologia**, v. 1, 2011.
- ARANHA, Maria. L. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ASBAHR, Fernando R. Transtornos ansiosos na infância e adolescência: aspectos clínicos e neurobiológicos. **Jornal de Pediatria**, v. 80, 2004 p. 28-34.
- AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, 2020, p. 56–62.
- BARONE, Isabelle. **Prova é coisa do passado? Afinal, para que serve ela?** São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/prova-e-coisa-do-passado-afinal-para-que-serve-ela/>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- BATISTA, Marcos Antonio; OLIVEIRA, Sandra Maria da Silva S. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. **Psicologia: revista da Vetor Editora**, Pouso Alegre, v. 6, n.2, p.43-50, dez. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142005000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 26 jan. 2023.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YmgvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=BECKER,+D.+O+que+%C3%A9+adolesc%C3%Aancia.+Brasiliense,+2017.&ots=KMtTgFsSxR&sig=ZUC-1E2WA9yANALZWakzRtjMSI#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 jan. 2023.
- BERGER, P., & LUCKMANN, T.A. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2004.
- BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano**: a adolescência em questão. Campinas: cadernos cedes, v. 24, 2004, p. 26-43.
- BORGES, K. S.; FAGUNDES, L. **A teoria de Jean Piaget como princípio para o desenvolvimento das inovações**. Porto Alegre: Educação, v. 39, n. 2, 2016, p. 242-248.
- BRASIL, Rui. **Adolescência e a pressão das avaliações e dos rankings**. In: Em nome do pai Blog. 25 mai. 2018. Disponível em: <https://nomedopai.blogs.sapo.pt/adolescencia-e-a-pressao-das-avaliacoes-43533>. Acesso em: 2 mar. 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. São Paulo. **Portal Geledés**. 2009.

BRITO, Isabel. **Ansiedade e depressão na adolescência**. Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, v. 27, n. 2, 2011, p. 208-14.

BRITO, Sílvia. H. A. **A educação no projeto nacionalista do primeiro governo Vargas (1930-1945)**. 2006.

BUISSON, F. **Nouveau dictionnaire de pédagogie e d'instruction primaire**. Paris: Hachette, 1911.

CANO, W. *et al.* **Da Década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil**. Revista Economia, v. 13, n. 3b, 2012, p. 897-916.

CARVALHO, M. A. M. **A criação do Senai no contexto da Era Vargas**. 2011. p. 192. Dissertação (Mestrado em história econômica) – Departamento de história. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.

CRUZ JUNIOR, G. **Politizando o digital: contribuições para a crítica das relações entre educação e tecnologias**. São Paulo: E-Curriculum, v.18, n.3, 2020. p.1509-1530.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. Minas Gerais: Revista Brasileira de Educação. n. 24, 2003, pp. 40-52.

DÉR, L. C. S.; FERRARI, S. C. **Henri Wallon: Psicologia e educação**. 2005, p. 59. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2ATuFTiavT0C&oi=fnd&pg=PA59&dq=D%C3%89R,+L.+C.+S.%3B+FERRARI,+S.+C..+Est%C3%A1gio+da+Puberdade+e+da+Adolesc%C3%Aancia.+Henri+Wallon-Psicologia+e+educa%C3%A7%C3%A3o,+p.+59,+2005.&ots=scCKTuKRVH&sig=PS393Z7kT\\_UkNXIIVZeN5Gyyp40#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2ATuFTiavT0C&oi=fnd&pg=PA59&dq=D%C3%89R,+L.+C.+S.%3B+FERRARI,+S.+C..+Est%C3%A1gio+da+Puberdade+e+da+Adolesc%C3%Aancia.+Henri+Wallon-Psicologia+e+educa%C3%A7%C3%A3o,+p.+59,+2005.&ots=scCKTuKRVH&sig=PS393Z7kT_UkNXIIVZeN5Gyyp40#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 18 dez. 2022

DIAS, Adelaide. A. *et al.* Da educação como direito humano aos direitos humanos como princípio educativo. **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**, 2007. p. 441-456.

FERREIRA, Taiza. R.; DESLANDES, Suely. F. **Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde**. Rio de Janeiro: Ciência e Saúde Coletiva. v. 23, n.10, 2018, p.3369-3379.

FERRETTI, Celso. J. **A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação**. São Paulo: Ensino de Humanidades, v. 32, n. 93, 2018.

FERRIANI, Maria. G. C. *et al.* **Adolescência, puberdade e nutrição**. Brasília: Revista Adolescer, 2001. p. 77-92.

FILHO, Antonio. V. F. **História da Educação**. Sobral: AIAMIS. 2022. Disponível em: [https://md.uninta.edu.br/geral/pos-graduacao/disciplinas-comuns/historia\\_da\\_educacao/mobile/index.html#p=1](https://md.uninta.edu.br/geral/pos-graduacao/disciplinas-comuns/historia_da_educacao/mobile/index.html#p=1). Acesso em: 20 jan. 2023.

FORMIGLI, Vera. L. A., COSTA, Maria. C. O., & PORTO, Lauro A. **Avaliação de um serviço de atenção integral à saúde do adolescente**. Bahia: Cadernos de Saúde Pública, 16, 2000. p. 831-841.

FRAUCHES, Celso C. **A livre iniciativa e reforma universitária brasileira**. 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1996.

FROIS, Erica.; MOREIRA, Jacqueline.; STENGEL, Márcia. **Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão**. Psicologia em estudo, v. 16, 2011, p. 71-77.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática. 2006.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GALVÃO, Maria. C. B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. São Paulo: Fundamentos de epidemiologia. 2. ed. v. 398, 2010. p. 1-377.

GOMES, Ruth. C. S.; GHEDIN, Evandro. **O desenvolvimento cognitivo na visão de Jean Piaget e suas implicações na educação científica**. In: Actas do VIII ENPEC: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2011. p. 5-9.

GONZAGA, Luiz R. V. **Enfrentando provas escolares: relações com problemas de comportamento e rendimento acadêmico no Ensino Médio**. 2016.

HELLEN, B. **Tutorial para levantamento bibliográfico Bruna Heller**. 2020.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto**. Portal Eletrônico do IBGE. 2019.

JAHNKE, Letícia T.; GAGLIETTI, Mauro. **O avanço tecnológico e os conflitos comportamentais nas redes sociais: o cyberbullying**. In: Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, Santa Maria, 2012.

JESUS, Camila V.; DE MENDONÇA, Eduarda. F. L.; KIRSTEN, Martin. B. **Estado novo (1937-1945): a concepção de desenvolvimento, o funcionamento estatal, as políticas econômicas e o seu legado para o desenvolvimento do Brasil**. 2017.

KIMMEL, Douglas. C., & WEINER, Irving. **La adolescencia: una transición del desarrollo**. Barcelona: Ariel. 1998.

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, Arminda.; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico**, 1981. p. 24-62. Disponível em: [http://www.lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Arminda\\_Aberastuky\\_Adolescencia\\_Normal,\\_Um\\_enfoque\\_psicanalitico.pdf#page=23](http://www.lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Arminda_Aberastuky_Adolescencia_Normal,_Um_enfoque_psicanalitico.pdf#page=23). Acesso em: 05 mar. 2023.

LAMÔNICA, Laudyana C. **Prevalência de indicadores de ansiedade, estresse e depressão entre adolescentes vestibulandos concluintes do ensino médio.** 2019.

LEAHY, Robert L. **Livre de ansiedade.** Porto Alegre: Artmed E 2012.

LEPRE, Rita M. **Adolescência e construção da identidade.** v. 8, 2003.

LOPES, Keyla C.; SANTOS, Walquiria L. **Transtorno de ansiedade.** Revista Iniciação Científica e Extensão. 25 jun. 2018. Disponível em: <https://revistasfasesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/47>. Acesso em: 31 jan. 2023.

LUIGI, Ricardo.; SENHORAS, Elói M. **O novo coronavírus e a importância das Organizações Internacionais.** Nexo Jornal. 17 mar. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-novo-coronav%C3%ADrus-e-a-import%C3%A2ncia-das-organiza%C3%A7%C3%B5es-internacionais>. Acesso em: 05 mar. 2023.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História de la educación pública.** Buenos Aires: Revista Brasileira de história e Educação. 1964.

MARANHÃO, Romero A.; SENHORAS, Elói M. **Pacote econômico governamental e o papel do BNDES na guerra contra o novo coronavírus.** Boa Vista: Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 2, n.4, 2020.

MASON, K. L. **Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia):** Avaliação preliminar no ambiente escolar. Psychology in the Schools. Universidade Estadual de Cleveland. v. 45. n. 4. 2008.

MEIRELLES, Juliana G. **Política e cultura no governo de Dom João VI:** imprensa, teatros, academias e bibliotecas (1792-1821). Editora UFABC, 2017.

MELVIN, L., & WOLKMAR, F.R. **Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência.** Porto Alegre: Artes Médicas. 3. ed. 1993.

MIGUEL, Euripedes C.; GENTIL Valentim, & GATTAZ Wagner F. **Clínica psiquiátrica:** a visão do departamento e do instituto de psiquiatria do HCFMUSP. 2011.

MONTOYA, Adrián O. D. **Teoria da aprendizagem na obra de Jean Piaget.** UNESP, 2009.

MORAES, Maria C. **Educação e política nos anos 30:** a presença de Francisco Campos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 73, n. 174, 1992.

NEVES, A. C. Coordenadas de uma reflexão sobre o problema universal do direito – ou as condições da emergência do direito como direito. In: RAMOS, Rui Manuel M. et al. **Estudos em homenagem à Professora Doutora Isabel de Magalhães Collaço.** Coimbra: Almedina, 2002.

OLIVEIRA, A. D.; DE FRANÇA VALENTE, F. M.; JUNIOR, L. N. C. **Adolescência em foco**: contribuições de Erikson, Vygotsky e Wallon. Registro: Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Psicologia: Fundamentos teóricos, históricos e epistemológicos do pensamento psicológico. vol. 1, n.1. 2018. p. 31-45.

OLIVEIRA, Eloiza S. G. **Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação**. Curitiba: Educar em Revista. v. 1, n. 64, 2017. pp. 283-298.

OLIVEIRA, Lidiane C. **REDES SOCIAIS E BULLYING VIRTUAL: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.

PALACIOS, Jesús. O que é a adolescência. *In*: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. v. 1, 1995. p. 263-272.

PAZ, Isadora F. P. *et al.* **puberdade tardia**. Ceará: Escola Assis Chateaubriand. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/PRO.MED-GIN.003%20-%20V2%20PUBERDADE%20TARDIA%20-%20sem%20ass%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/PRO.MED-GIN.003%20-%20V2%20PUBERDADE%20TARDIA%20-%20sem%20ass%20(2).pdf). Acesso em: 2 mar. 2023.

PEREIRA, Orlindo G.; JESUINO, Jorge. C. **Psicologia social do desenvolvimento**. Lisboa: Horizonte, 1985.

PEREIRA, Sonia G. **O Museu D. João VI**. Acervo. v. 21, n. 1, 2011, p. 149–160. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/93>. Acesso em: 2 mar. 2023.

PINHEIRO, Luiza. **Cyberbullying em Portugal**: uma perspectiva sociológica. Tese de Mestrado Sociologia/ Desenvolvimento e Políticas Sociais, Portugal: Universidade do Minho, 2009. 157 p.

POLANCZYK, Guilherme V. & LAMBERTE, Maria T. M. R. **Psiquiatria da infância e adolescência**. 1. ed., vol. 20. 2012.

RAMOS, Moacyr S.; STAMPA, Inez. Trabalho docente, repressão e resistência pós-1964. *In*: MEDEIROS, Leonilde S.; TEIXEIRA, Marcos A. S. **Repressão, resistência e memória dos trabalhadores da cidade e do campo**. 2016, p. 55.

REPPOLD, Caroline T. & Hutz, Claudio S. **Evidências de validade de critério da escala de avaliação de ansiedade em adolescentes brasileiros**. Avaliação Psicológica, v. 12, n.3, 2013, p. 131-136.

**Revista mais educação**. [Editora chefe] Fabíola Larissa Tavares. v. 3, n. 5. jul. 2020. São Caetano do Sul: Editora Centro Educacional Sem Fronteiras, 2020. Disponível em: <https://www.revistamaiseducacao.com/sumario-V3-N1-2020>. Acesso em: 05 mar. 2023.

RIBEIRO *et al.* Ser adolescente do século XXI. *In*: LEVENFUS, Rosane S. **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Artmed Editora, 2015.

RIBEIRO, Paulo R. M. **História da educação escolar no Brasil**: notas para uma reflexão. Ribeirão Preto: Paidéia, n. 4, 1993. p. 15-30.

RODRÍGUEZ, Margarita V. **A origem da escola moderna**: o legado de Condorcet. Mato Grosso do Sul: Acta Scientiarum. Education, v. 32, n. 1, 2010, p. 67-74.

ROTHER, Edna T. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. São Paulo: Acta Paulista de Enfermagem, v.20, n.2, 2007.

SALES, Jonathan; OLIVEIRA, Syllas. **Cyberbullying entre jovens e adolescentes no ambiente escolar**. 2022.

SALLES, Leila M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea**: alguns apontamentos. Campinas: Estudos de Psicologia. v. 22, 2005. p. 33-41.

SANTROCK, John W. **Adolescência**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Educação escolar, currículo e sociedade**: o problema da Base Nacional Comum Curricular. Movimento-revista de educação, n. 4, 2016.

SAVIANI, Dermeval *et al.* **Educação no Brasil**: concepção e desafios para o século XXI. Campinas: Revista HISTEDBR. n. 3, 2001.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa H, AZNAR-FARIAS, Maria e SILVARES, Edwiges F. M. **Adolescência através dos séculos**. Brasília: Psicologia-Teoria e Pesquisa. v. 26, n. 2, 2010. p. 227-234.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa H, AZNAR-FARIAS, Maria e SILVARES, Edwiges F. M **A construção da identidade em adolescentes**: um estudo exploratório. Natal: Estudos de Psicologia. v. 8, 2003. p. 107-115.

SILVA, Paulo S. M.; VIANA, Meire N.; CARNEIRO, Stania N. V. **O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget**. v. 10, 2011.

SILVA, Saymon S.C. **Ansiedade normal vs patológica**: Saiba diferenciar uma da outra. *Psicologiaviva* conexa. 2021. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/saiba-como-diferenciar-a-ansiedade-normal-patologica/>. Acesso em 5 mar. 2023.

SILVA, Telma C. C. M. **Projeto de intervenção em adolescentes com ansiedade em contexto de ambulatório**. 2016. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade de Évora, S.I. 2016.

SILVA, Wildson V. & FIGUEIREDO, Vera L. M. **Ansiedade infantil e instrumentos de avaliação**: uma revisão sistemática. São Paulo: Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 27, 2005. p. 329-335.

SOUSA, Pedro M. L. **Desenvolvimento moral na adolescência**. Psicologia.pt. 2006. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0296.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2023.

TOGNETTA, Luciene R.; BOZZA, Thais L. **Cyberbullying**: quando a violência é virtual – Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. *In*: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. Anais do I Seminário Violar: Problematizando juventudes na contemporaneidade. Campinas: FE/UNICAMP, 2010.

VIOLA, Daniela T. D. **Vygotsky com Lacan**: considerações sobre a formação dos conceitos na adolescência. São Paulo: Psicologia USP. v. 28, n. 3, 2017. p. 432-440.

Vivendo adolescência. **Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência?** 2017. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. Acesso em: 5 mar. 2023.

WARAT, Luis A. **O ofício do mediador**. Florianópolis: Habitus. v.1. 2001.